

Celso Lopes



Pedra  
na  
Contra luz



1ª edição  
Brasil

**icone**  
editora

© Copyright  
Celso Antônio Lopes da Silva

### **Ilustrações**

Ricardo “Bolicão” Dantas

### **Projeto gráfico, capa e diagramação**

Richard Veiga

### **Revisão**

Cláudio J. A. Rodrigues

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor. (Lei nº 9.610/98)

Distribuído pela:

**ÍCONE EDITORA LTDA.**

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

[www.iconeeditora.com.br](http://www.iconeeditora.com.br)

[iconevendas@iconeeditora.com.br](mailto:iconevendas@iconeeditora.com.br)

# Prólogo

Um bêbado subitamente atropelado por um ônibus; um pivete diante de sua refém; um bóia-fria investindo contra uma colhedeira; uma mulher de bandido presenteada com um anel roubado; um pintor de faixas às voltas com a polícia no levante geral dos marginais de São Paulo, em 2009: estes são alguns dos cenários que Celso Lopes escolheu como terreno fértil para plantar sua excelente narrativa.

Este novo contista paulista prefere buscar suas personagens naquelas camadas da população onde as contradições econômicas e sociais do país provocam as suas maiores vítimas: trabalhadores braçais, desempregados, operários sem eira nem beira, biscateiros, prostitutas e toda sorte de gente marginalizada e sofrida que forma o espelho estilhaçado da tragédia urbana nas megalópolis como São Paulo. Salvo o conto *A travessia*, que narra a história de um músico argentino morador do Arraial d'Ajuda, na Bahia, uma espécie de Dr. Fausto local, todos os demais transitam neste cenário, conferindo a Celso Lopes o legado

típico dos contistas urbanos que marcaram as últimas décadas do século passado. Por esse ângulo, talvez não se deva conferir-lhe nenhuma originalidade, pois vários outros contistas de primeira linha já trilharam este caminho, como um João Antonio ou um Vander Piroli. O que não significa que ele não tenha uma aguda percepção da malha social brasileira e a intuição de explorar literariamente pequenos detalhes que lhe sobressaem. Ademais, o que não se pode negar em sua narrativa é uma particularidade que a torna originalíssima: o vigor da linguagem, que flui, viva e comovente, e de tal forma bem estruturada que consegue realizar o conto sem precisar sequer contar uma história.

De fato, vistos com rigor, estes contos não contam uma história linear, dentro das técnicas e padrões clássicos conhecidos. Não contam porque, no fundo, não precisam. A simples introdução das personagens, com suas conjecturas sobre o destino, o passado e o futuro de cada um, como se fossem protagonistas inconscientes de si mesmos, já é suficiente para atingir o objetivo maior de dar ao conto uma vida própria, com desenvolvimento e desfecho. Poder-se-ia sintetizar esta fórmula numa simples frase: a personagem é o conto.

Nesse aspecto, há que se destacar aqui que cada personagem é introduzida através da descrição de um ato extremo, do desfecho de uma situação limite que, ao mesmo tempo, projeta e finaliza o conto. E

este desfecho soa de uma forma tão surpreendente que provoca inevitavelmente um impacto no leitor. Tal estrutura narrativa é que faz de Celso Lopes um contista talentoso e original.

Em *Os bêbados não descem o meio-fio impunes*, o personagem, um desempregado bêbado, desnortado no “labirinto do porvir” (sem chance, na verdade, de pensar o porvir), praticamente se deixa atropelar por um ônibus ao descer o meio-fio. A frase com que imerge no seu gesto desesperado é emblemática. Aliás, não é uma frase, mas simplesmente uma palavra: “caí”! Em *Fonte Luminosa – Nenhuma idéia*, o pivete que lidera uma fuga alucinada da Febem, e mantém como refém uma assistente social na iminência de ser estuprada e morta, desiste, na última hora, de seu intento. Mas o faz diante da lembrança da mulher de que poderia ser sua mãe, ao tempo em que ela implora aos policiais que se aproximam para que não o maltratem (“Deixem ele, é apenas um menino. Deixem que eu mesma cuido dele.”). Em *Rogai por nós*, a personagem bóia-fria, num rasgo de consciência de que a mecanização da lavoura será o fim do seu trabalho e do seu sustento, investe furiosamente com todas as armas disponíveis (“o punhal, o cabo de enxada, o aríete, o varapau”) contra uma colhedeira; tendo perdido o senso do perigo e da inutilidade de seu gesto, acaba sucumbindo, triturado nas ferragens da máquina inimiga. Este Don Quixote moderno não deixa de ser um exemplo típico, e trágico, de nossa

realidade. Já em *Pedra na contraluz*, talvez o mais belo conto do livro, a personagem (uma “mulher de bandido”) apunhala ela própria o seu homem, de quem se julga inseparável, num desfecho com traços típicos da tragédia grega: instinto de vingança contaminado contraditoriamente pelos sentimentos de amor, de posse e de morte. Por outro ângulo, o entrechoque final conduz à fascinação da mulher pelo perseguidor do seu homem, como se fosse inevitável a sua entrega a um poder maior, isto é, à lei do mais forte, que comanda o mundo marginalizado.

Cada personagem é vista, assim, sob a ótica de uma situação extrema, diante da qual tentará um gesto que vai lhe conferir uma identidade. Este ato é o símbolo de todos os atos de suas vidas. É o que lhe dá um sentido moral, no contexto de seu mundo interior. Assim, a razão suprema do bóia-fria Divino é a sua súbita e quixotesca investida contra a colhedeira, ato que significa, de um lado, seu instinto de sobrevivência, e de outro, a única revolta possível diante de um mundo injusto. Nesse sentido, Divino é um bóia-fria e todos os bóias-frias ao mesmo tempo.

Mas esta estrutura narrativa teria inevitavelmente que ser refém de um modelo de linguagem próprio. Não teria êxito sem o respaldo de um linguajar que fosse correspondente ao estamento social da personagem. É nesse aspecto que os contos de Celso Lopes atingem sua maturidade narrativa. Suas personagens falam ou pensam uma linguagem que em tudo lhes é

própria. E pertence a poucos contistas o atributo de colocar na boca de suas personagens uma fala realmente coloquial, sem rebuscamentos ou frases que lhes sejam estranhas. Identificamos o mundo interior do pivete de Fonte Luminosa porque as palavras que o descrevem são a sua própria imagem. Quando ele fala, é o que é no mundo real. Até na denominação de seus algozes este esquema é perfeito. Nenhum outro nome soaria melhor na cabeça de um pivete para designar a truculência policial do que “Dá-sem-dó”.

Li os oito contos desse livro com um enorme prazer. Creio que Celso Lopes tem um papel assegurado entre aqueles que se dedicam à narrativa curta no Brasil. Conseguir o que já conseguiu, com vários contos premiados, isoladamente, e o livro como um todo tendo recebido o 1º lugar no concurso de contos da União Brasileira de Escritores, em 2009, já é uma grande façanha, numa área considerada a mais difícil e desafiadora da literatura de todos os tempos.

### *Paulo Martins*<sup>1</sup>

---

1 Paulo Ribeiro Martins é escritor, autor do romance “**Glória partida ao meio**” (Editora 7 Letras), “**Jacques Brel - a magia da canção francesa**” (Editora 7 letras / esgotado), e co-autor de “**Anistia para os brasileiros - ontem hoje e sempre**” (Civilização Brasileira, 1978).

# Apresentação

Celso Lopes é um contista poeta, ou um poeta contista, sei lá. Sei que conta histórias usando e abusando da abundância metafórica que a linguagem e sua imaginação possibilitam. Além de explorar sem reservas a sinonímia, a reiteração e a metalinguagem, o autor não foge ao interdiscurso explícito, com referências a situações, costumes, personagens e fatos que marcaram a História. Assim, vai permitindo que o leitor o ajude a configurar a diversidade de imagens com as quais flagra os seus personagens no instante exato em que se dão conta de que não conseguem escapar daquilo que são. Mundo real, mundo da ficção, mundos que se esbarram muitas vezes. Nós, leitores, não nos importamos tanto com tantos detalhes, queremos é história, da boa, bem contada. E isso, o autor de “Pedra na Contraluz” vem fazendo cada dia melhor.

Nos oito contos aqui reunidos predominam personagens masculinos, urbanos, metropolitanos de nascença ou não, passando a limpo suas vidas. Alguns se reconhecem pelo nome, outros o perderam para

o papel que representam: “o Bêbado”, tentando equilibrar, no meio-fio, passado e presente. “O Fonte”, menino-homem, sem tempo de ser menino; sem tempo, talvez, de chegar a homem, encurralado que está. “Andrázio”, carinha de anjo, sedutor, vai encontrando seu jeito de driblar as dores do passado, as dores do presente. “O Pai”, esportista, e “Nirrollez”, o músico, tiveram seu tempo, mas carregam tamanha culpa pelas suas escolhas, que não enxergam outra, senão uma saída definitiva, embora precoce.

“Miranda” está à mercê de verdades arbitrárias construídas no discurso que o incriminam; já “a mulher de José”, nosso personagem feminino, e “Divino”, nosso cortador de cana, estão tomados pela ira. Ela beira o descontrole, mas é salva, pois agiria em defesa própria e não chegaria à heroína. Ele se descontrola defendendo a classe, façanha que lhe concede o título de herói.

Como não poderia deixar de fazer o bom contista, Celso Lopes, ao trazer à tona os dramas pessoais, refere nossa imersão na cultura, na ideologia, na História. Em três dos contos, por exemplo, temos a figura materna que, pela ausência ou fragilidade, de alguma forma interfere no destino dos filhos: em um, o menino sem mãe vai parar na Febem e é capaz de misturar na mesma mulher, a mãe, a santa e a prostituta; noutro, a mãe não se expõe a risco para libertar as mãos do filho da tirania do pai. Mãos que mais tarde o rapaz usará habilmente para sobreviver, sentir

e dar prazer a todas as mulheres, desde que nenhuma permaneça. A condição de vítima da mãe aparece em um outro conto, fazendo exacerbar o ódio do Filho na relação edipiana com o Pai.

A morte, bem contextualizada, marca a (o)pressão social. Em universos distintos, personagens padecem da mesma dificuldade em manter seus postos de trabalho. No campo ou na cidade, o homem não escapa aos tempos modernos e acaba, literalmente, engolido pela máquina. *E sem o seu trabalho / O homem não tem honra / E sem a sua honra / Se morre / Se mata / Não dá pra ser feliz...*<sup>2</sup>

As imagens que passam pela cabeça de um garoto sob pressão, em uma rebelião na Febem, revelam aspectos da relação de poder dentro da instituição, inclusive entre os internos. Lá fora, a disputa por território continua quando o autor explora a raiva silenciosa que vai minando o afeto da mulher pelo marido fora-da-lei. A letra já não é a mesma: *Mulher de malandro, rapaz / Apanha num dia / E no outro...*<sup>3</sup> se vinga. E ainda sobre o poder, somos lembrados das ações do PCC, em maio de 2006, na cidade de São Paulo, destacando-se a possibilidade de algum desavisado, em algum lugar, estar servindo de bode expiatório ao poder constituído.

---

2 Referência à música “**Um homem também chora**” (Guerreiro menino), de Gonzaguinha.

3 Referência à música “**Mulher de malandro**”, de Celso Castro e Oswaldo Nunes.

Dois outros contos induzem à reflexão sobre a dificuldade de se conciliar papéis sociais. Nem sempre as conquistas e o sucesso na carreira são suficientes para satisfazer a si e/ou ao outro. Quer-se sempre mais ou diferente. Enquanto o reconhecimento popular pesa a dois personagens, um outro exagera a sua performance para se sentir alguém em meio ao turbilhão da cidade grande.

O autor não se esqueceu da nossa cultura religiosa, e alivia a carga dramática da sua narrativa com pitadas de humor e doses balanceadas de erotismo, deixando a leitura mais prazerosa.

Aproveite.

***Angelina Garcia***<sup>4</sup>

---

4 Angelina Garcia, natural de Guará/SP, é formada em Letras, mestre em Artes pela Unicamp, estudiosa da Análise do Discurso e professora de Língua Portuguesa. Publicou textos sobre o “jogo dramático”, a “construção de dramaticidade no cinema e publicidade” e a “relação livro/leitor”, além de colaborações no site Vyaestelar (UOL), onde escreveu sobre o “relacionamento” a partir de cenas do cotidiano. Atua como revisora de textos, inclusive científicos, e acompanha alunos com dificuldades de leitura/escrita.

# Índice

- Conto 1* – Os bêbados não descem ao  
meio-fio impunes, **17**
- Conto 2* – Fonte luminosa – nenhuma ideia, **25**
- Conto 3* – Bandeira a meio-pau, **41**
- Conto 4* – Honra ao mérito, **51**
- Conto 5* – Pedra na contraluz, **61**
- Conto 6* – Salve geral (Bibelô, eu te amo), **73**
- Conto 7* – Rogai por nós!..., **89**
- Conto 8* – A travessia, **101**
- 
- O Autor, **125**

Os bêbados  
não descem ao  
meio-fio impunes



– Caí!

A palavra vinha-lhe seca e sonora como uma queda. Um *ora pro nobis* repetido em penitências, a ladainha. O andarilho bêbado, em andrajos, corpo arqueado, cambaleava junto ao meio-fio como quem quisesse fazer a revelação pública de um pavor escondido – o homem segurou o tombo com o inevitável abraço abrupto no poste da rua!... Seus olhos esbugalharam-se silenciosos e amarrotados como um *mangá* humano, desenhado à revelia e em diagonal, com obscuras perspectivas e pontos-de-fuga. Uma realidade virtual e desconhecida, o labirinto do porvir estampado naquele rosto ébrio.

– Caí!

Estanquei-me sem qualquer razão aparente, o meu costume diário ali na Lanchonete do Ananias, um boteco de esquina, tal qual a esses a quem chamamos de *pé-pra-fora*. Posicionei-me junto à porta

para algo inevitável, pressentido, bem ali, à minha frente: o bêbado repetia as sílabas insistentes, delirando nomes e datas e feitos e fatos que, aos poucos e a rigor, situavam-no num setor de serviços de uma empresa qualquer: *um operador de sistemas? Quem sabe um atendente? Um Chefe de Setor? Um Coordenador de Área? O próprio Diretor?* O que se via, entretanto, era o improvável desafio do homem bêbado em avançar até um grupo esquelético que, supostamente, o esperava na outra margem da rua. *Quem seriam, para ele, aqueles andarilhos urbanos, mendigos, ajuntados em meio à calçada da rua?* As mãos do bêbado, automáticas que foram, revistaram inutilmente os bolsos à procura de algo. Afundaram-se, ambas as mãos, em busca do avesso. *Seria um celular? Uma agenda eletrônica? Um caderno de anotações? Um laptop?* Como eu, ali presente, quem visse, entenderia logo: “era urgente e/ou urgentíssimo comunicar o atraso sobre a importante reunião da qual deveria participar”. *Quem sabe, talvez, coordenar?* Os sons embolados – numa sintaxe irreconhecível – formavam um emaranhado de vozes e nomes e datas e tarefas e projetos como uma linha cruzada em línguas diversas: as palavras, todas, soavam irrealizáveis, soltas e desconexas, carentes de uma história que, no entanto, haveria de existir. Diante do pânico e temor de um passo em falso, os gestos do bêbado fixavam-se nas minhas retinas turvas e impacientes.

– Caí!

Agarrado ao poste, o andarilho bêbado experimentava o horror das alturas, vociferando um ódio mortal pelo desnível da rua. Estava escrito, ali, o prenúncio de uma queda no pequeno vão livre de poucos centímetros que lhe ensandecia a mente: o drama de um pacote solto por um guindaste, a despencar sob os olhos desesperados dos tripulantes e estivadores na imensidão de um cais. Como um arbusto que se alastra, criando contornos próprios, o bêbado estendeu os braços e os pés em forma de concha num sinuoso movimento de cai-não-cai: agulha e linha de uma fábula contemporânea, o bêbado e o poste!... O corpo torto costurando o invisível tecido urbano, entrecortado pelo trânsito feroz de um dia comum na cidade. A voz do bêbado vinha do fundo, penalizada, temerosa, como a suplicar uma volta atrás. Retornar, quem sabe, à empresa; voltar, talvez, à família. *Coordenar o antigo setor contábil? Estabelecer as metas para as equipes de vendas; Preparar o programa de visitas aos clientes?* Em seu silêncio, o bêbado não disse: *recuperar a mim mesmo!*... Eu, talvez... talvez eu tenha jurado com os dedos em cruz que o entendi capaz desse gesto.

– Caí!

O andarilho bêbado enfatizava o som intransitivo junto ao meio-fio. Corpo e voz sintonizados naquela

epopeia urbana. Um rosário de lamentações, o delírio. O vocabulário bêbado reduzido ao único e inevitável verbo. Interjeições e complementos mantinham-se ausentes como num suicídio premeditado, sem pistas, sem cartas de explicação dentro de gavetas ou a serem descobertas em caixas no interior de um armário. O bêbado adiava, a olhos vistos, o seu inevitável tombo. Um passo-a-passo para o abandono do emprego e a demissão por justa causa. *Seria o Jorge, o do turno da noite? Não, aquele da logística do setor de trâmites com o Brasil-Central? Ele mesmo?*

– Caí!

Os bêbados não descem ao meio-fio impunes. O medo do estatelamento e o baque fatal são o preço do pedágio. A palavra exata e coesa traduzia-lhe a derrocada vertiginosa do topo de uma pirâmide. Gole após gole, o peso do corpo fragilizando-o diante das salas frias e burocráticas. O entra-e-sai durando a eternidade. O bêbado persistia naquela frase completa que se desfazia no arriscado vôo do universo plano. Corpo e alma simplificados na oração enfática, reiterada ilegível e insistentemente. Os bêbados não se arrastam às pedras sem a sonoridade. Decibéis inaudíveis, o grito agudo – a cara no chão!

No leito asfáltico, os veículos acentuavam o movimento da cena. O pânico do meio-fio surgia-lhe

como uma inacabável ampulheta. O andarilho bêbado, ali, à minha frente, ao rés do chão, capaz de segredar-me data, hora e lugar que lhe valeram a queda e o abismo: odisseias intermináveis pelos corredores e salas ouvindo refrões que lhe soavam como punhaladas pelas costas: *entre, Senhor Fulano, estamos esperando, entre!*

– **Caí!...**

A derradeira palavra, a mesmíssima, soou-me agora abafada, como uma queda à distância. O bêbado ergueu-se com o esforço possível graças ao pé de apoio. E, resistente, com quem se lançasse às últimas forças, arranhou o poste como numa parede nua em que se abrem as frinchas. Soergueu-se, olhando-me incisivamente. Olhando a mim e o nada. A rua inteira e a ausência. Olhando a rua e o nada. A calçada e o nada. As pessoas e o vazio. Os veículos e o espaço inútil. Os passos em falso do bêbado, ambos, juntos, atiraram-no à rua, à frente, ao chão duro... O baque certo do ônibus encarregou-se do sucesso da empreitada. Os bêbados não descem ao meio-fio impunes. Em meio às vozes e burburinhos ouvia-se os sucessivos apelos para o número do *carro-resgate*, dito em tom de insistência e desespero junto ao telefone mais próximo. Ainda sob o som de sirenes cortantes, aproximei-me da cena com o desconforto possível. Réu e testemunha, abri espaço entre a aglomera-

ção para o meu último olhar sobre o andarilho, que mantinha, ali, os olhos estáticos e diretos sobre mim; olhava-me como quem passasse às minhas retinas, agora, um enunciado completo, escrito a mão, com todas as letras, sílabas, frases e o significado completo da sua história. Entretanto, sou ali um cego, surdo e mudo reverenciando aquela tragédia anunciada sem me dar conta desse caminho.

# O Autor

O autor Celso Lopes é natural de Guará, interior do Estado de São Paulo, e tem formação em Letras pela USP/SP, com pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UNICID/SP). Atua em Comunicação e Marketing na produção de textos, roteiros e direção de audiovisuais/multimídia. Participa de concursos literários nacionais, tendo conquistado diversas premiações.

## **Premiações do Livro “*Pedra na Contraluz*”:**

- **2009** – 1º Lugar no Concurso da União Brasileira dos Escritores – UBE/RJ – Prêmio Bernardo Élis de Contos e Medalha Harry Laus;
- **2008** – “Menção Honrosa” – Concurso Literário Cidade de Manaus/AM – Prêmio Artur Engrácio – Livro de Contos.

## Premiações do Conto “*Pedra na Contraluz*”:

- **2003 – Concurso Literário AFUBESP\*/2003 – Antologia de Contos e Poesias, p. 37**  
Conto: *Pedra na Contraluz*.  
Classificação: Primeiro Lugar  
(\* ) Associação dos Funcionários do Grupo Santander Banespa
- **2006 – Concurso Osman Lins de Contos (Fundação Cultural Cidade do Recife/PE)**  
Conto: *Pedra na Contraluz*.  
Classificação: Coletânea (10 autores) – p. 51
- **2006- Concurso Literário XII Antologia de Contos Albert Renart (São José dos Campos/SP)**  
Conto: *Pedra na Contraluz*.  
Classificação: Participação da XII Antologia de Contos (coletânea) –p. 29
- **2006– Concurso Nacional de Contos “Prêmio Jorge Andrade” – 2006 – Academia Barretense de Cultura/ABC – Barretos/SP (Antologia)**  
Conto: *Pedra na Contraluz*.  
Classificação: Terceiro Lugar

# Comentário

*“Pedra na Contraluz, de Celso Lopes, leva para o centro da trama uma luta urbana em que as moedas de troca são a violência, o desamparo existencial e uma sexualidade irrefreável. Nesse microcosmo, seus seres são esmagados por estruturas que não conseguem mais barrar, depois que a máquina começou a agir. Criaturas desesperadas, protagonistas da violência num campo em que não há vencedor”*

In: Prefácio à **Coletânea Osman Lins de Contos – Volume 2**  
(Secretaria de Cultura / Prefeitura do Recife/PE – 2006)

**Ivana Moura** (UFPE) – Jornalista e Escritora.

# Agradecimentos

O texto “*Pedra na Contraluz*”, que dá nome a esta coletânea de contos, cuja concepção narrativa traz à tona algumas situações-limite que, via de regra, empurram e conduzem os personagens para um caminho sem volta, nasceu de uma simples notícia de jornal, como tantas outras que se amontoam nas páginas policiais. Conto-título da coletânea, e diversas vezes premiado, *Pedra na Contraluz* delineou os rumos desse trabalho que agora coloco à disposição do público-leitor, com reconhecido apoio da Editora Ícone, e a imprescindível parceria da Polystell do Brasil Ltda – fabricante de Aditivos & especialidades químicas.

Agradeço, imensamente, o apoio recebido de colegas, amigos e leitores. Um agradecimento especial à Jurema Carvalho, na maioria das vezes, a primeira leitora e crítica dos contos. Dedico esta edição àqueles que, em Guará – onde nasci – me queriam um pouco acima do seu tempo, e para tanto, muitas vezes, desdobraram-se, cada qual à sua maneira, nesse empenho – **Seo Chico** (*in memoriam*) e **Dona Tunica**, meus pais.

**Celso Antonio Lopes da Silva**